



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

de Souza Júnior, Jaime
#SELFIENAUINA, MEMES, IMAGENS E FENÔMENOS: PROPAGACÕES DIGITAIS E
UMA PROPOSTA MULTIMODAL E SEMIÓTICO-SOCIAL DE ANÁLISE
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 8, núm. 2, julho-diciembre, 2015, pp. 1-26
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163623002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

#SELFIEAURNA, MEMES, IMAGENS E FENÔMENOS: PROPAGACÕES DIGITAIS E UMA PROPOSTA MULTIMODAL E SEMIÓTICO-SOCIAL DE ANÁLISE

#SELFIEAURNA, MEMES, IMAGES AND PHENOMENA: DIGITAL PROPAGATION AND A MULTIMODAL, SOCIAL-SEMIOTIC ANALYTICAL PROPOSAL

Jaime de Souza Júnior
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
souzajuniorprof@gmail.com

RESUMO: Expandindo proposições de Souza Júnior (2015c), o presente artigo analisa os padrões de propagação de práticas linguístico-midiáticas, em forma de *selfie*, que se tornaram alvo de proibição nas cabinas de votação por parte da Justiça Eleitoral brasileira, a partir da eleição de 2014. Sugerindo uma análise ascendente baseada na Linguística e na Semiótica-social, procura-se ampliar investigações de natureza comunicacional e fotográfica propostas em Shifman (2014), definindo-se, por dois traços composicionais, o padrão inicial de construção de um *selfie* postado: a) sua estruturação multimodal (a sintaxe visual do *selfie*); b) sua proposição multimodal (propósitos externados nesse *post*). Em seguida, pela metodologia de “análise propagatória” (SOUZA JÚNIOR, 2014), confronta-se tal padrão inicial com demais padrões presentes no *corpus*. Através da “análise relacional” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), verifica-se, então, como os padrões de estruturação e proposição multimodais que deram origem ao evento digital *#selfienaurna* iriam se desenvolver, isto é: de modo majoritariamente homogêneo – posição encontrada em Dawkins (1979, 1982); e seguida por Recuero (2006) – ou heterogêneo – argumentação apresentada em Dennett (1995); e corroborada em Souza Júnior (2014, 2015a). Os resultados indicam que a evolução do fenômeno *#selfienaurna* se mostra majoritariamente heterogênea quanto aos aspectos de propagação investigados.

PALAVRAS-CHAVE: memes da internet; *selfie*; Linguística Sistêmico-funcional; Multimodalidade e Sintaxe Visual; Semiótica Social e Análise Ascendente.

ABSTRACT: Expanding propositions of Souza Júnior (2015c), the present paper analyses the propagation patterns of media/linguistic practices, encapsulated in selfies, which the Brazilian Electoral Justice termed a ‘forbidden act’ – whenever selfies were to be taken inside voting booths and/or posted online from there, during the 2014 Brazilian elections. Suggesting a bottom-up Linguistics and social-semiotics-oriented analysis, seeking to expand the investigative limits of a pictorial and Communication-oriented analysis presented in Shifman (2014), the paper, firstly, examined the selfie post that originated the digital event *#selfienaurna* (i.e. selfie in the voting booth). Secondly, the article defined that post’s initial compositional pattern in terms of: a) multimodal construction (its visual syntax); b) multimodal proposition (the purpose the purpose expressed through that picture). Then, the methodology of “propagatory analysis” (SOUZA JÚNIOR, 2014) was used to confront the initial pattern with other occurrences found in the corpus. Carrying out a “relational analysis” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), this study investigated how the pattern that generated *#selfienaurna* would evolve, namely: mostly homogeneously – positioning

found in Dawkins (1979, 1982); and followed by Recuero (2006) – or heterogeneously – proposition presented in Dennett (1995); and corroborated in Souza Júnior (2014, 2015a). Results showed that the propagation of *#selfienaurna* evolved mostly heterogeneously, regarding the items investigated.

KEYWORDS: internet memes; selfie; Systemic-functional Linguistics; Multimodality and Visual Syntax; Social-semiotics and Bottom-up Analysis.

1 Introdução

Em 2013, possivelmente devido à quantidade de menções cada vez mais frequente, atrelada à sua prática cada vez mais presente na *cultura de captura digital das coisas e/ou pessoas*¹, o ato de *selfie*, adquirindo relevância social na contemporaneidade, garantiu seu lugar de destaque como verbete no Dicionário Oxford². *Selfies* parecem até ter um código ou uma etiqueta própria. Uns simplesmente não conseguem parar de executar essa prática; outros, dependendo do que a mesma venha a retratar, chegam a condená-la. A partir do contexto de proibição que implementou, a Justiça Eleitoral Brasileira juntou-se ao grupo dos que condenaram a produção e postagem dessas imagens. A mensagem era clara: “selfie-se quem puder; corra que a Justiça vem aí!”

Com a intensificação de uma medida de proibição, ocorrida no período eleitoral de 2014, a Justiça Eleitoral brasileira objetivou impedir eleitores de produzirem digitalmente autorretratos (caracterizando-se, assim, a prática de *selfie*). Apesar disso, tal proibição não aparenta ter sido uma medida suficientemente eficaz, como se percebe com o aparecimento do “evento digital” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b, 2015e) reconhecido como “*#selfienaurna*”³, surgido na rede social *Tumblr.com*, em pleno dia de votação do primeiro turno das eleições de 2014.

Com o posicionamento da Justiça Eleitoral, ganha eco, de maneira socialmente relevante, a perspectiva defendida por Souza Júnior (2015a), baseando-se em Dennett (1995), Blackmore (2002) e Tyler (2011, 2013), a qual entende que memes não seriam exclusivamente transmitidos de cérebro para cérebro, conforme defenderia Dawkins (1979; 1982). Na contemporaneidade, mídias digitais/sociais também teriam esse papel, conforme parece ‘temer’ e, ao mesmo tempo, ‘advertir’ a Justiça Eleitoral.

Pelo posicionamento da Justiça Eleitoral brasileira, instaura-se um contexto de proibição, valendo-se da prerrogativa de anonimato e do princípio de livre escolha do ato

1 Sugerimos ver a discussão que Carr (2010, p. 18-20) apresenta a respeito das correntes concernentes à postura humana diante das tecnologias, a saber: *instrumentalistas x deterministas*. Os instrumentalistas, grosso modo, advogariam que nós teríamos a possibilidade de exercer influência sobre as tecnologias que nos rodeiam. Por outro lado, os deterministas entendem que, apesar de criá-las, acabamos convertidos e subordinados à lógica dessas tecnologias (como podemos supor, a princípio, quando refletimos sobre o exponencial crescimento da prática de *selfies* nas sociedades contemporâneas). Para aprofundamentos, sugerimos ver Nusselder (2009, p. 39-53) e a discussão que ele propõe, a partir de Levy (1998), sobre as modalidades de processos de virtualização executados via tecnologia, direcionados a elementos animados (pessoas) ou inanimados – em especial, o processo reconhecido como objetificação.

2 Para um panorama acerca da prática e do termo *selfie*, sugerimos ver: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/2014-ano-em-que-selfie-ficou-mal-na-foto-14889123>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

3 Disponível em: <<http://selfienaurna.tumblr.com/>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

de votar. A problemática reside no aparecimento desse contexto e, por conseguinte, em saber que padrões de propagação dos *selfies* se estruturarão (ou quais padrões os internautas se permitirão estruturar) nessas condições de produção e distribuição das imagens e suas postagens.

Em função disso, em primeiro lugar, organizaremos o presente artigo de maneira a apresentar ao leitor menos familiarizado os principais aspectos relacionados ao conceito de meme e à Teoria Memética. Veremos como tal conceituação e teoria passam a ser usadas para embasar estudos nas áreas de Comunicação e Linguística, dando origem, nessa última área, a uma *abordagem integradora* (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b) para reconhecer e investigar a propagação de *eventos digitais*.

Em segundo lugar, apresentaremos aspectos daquilo que fundamentará a aplicação dessa proposta teórica propriamente dita, dando acesso aos pressupostos investigativos de uma etapa da referida abordagem que Souza Júnior (2015a, p. 56-58) chamou de “*análise relacional*”.

Em terceiro lugar, conheceremos as postulações da Teoria da Multimodalidade, oriundas da Linguística Sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1987; KRESS e VAN LEEUWEN, 2000) e presentes na Gramática do *Design Visual*, para direcionar nossa análise de orientação linguística e semiótico-social acerca das postagens de *selfie* que integram este estudo.

Dessa maneira, reexaminaremos o mesmo *corpus* de postagens de *selfie* que Souza Júnior (2015c) analisou, porém, a atual investigação se valerá de aporte teórico diferente daquele usado pelo pesquisador mencionado. No presente artigo, a partir das concepções da Gramática do *Design Visual*, os aspectos multimodais das práticas linguístico-midiáticas que dão origem ao *corpus* de *selfies* coletados já serão focados e analisados com base em uma *abordagem integradora*, com vistas a identificar, primeiramente na *dimensão composicional*, seu padrão inicial de construção/estruturação (*forma*) e propósitos ou proposições. No estudo a respeito de como os *selfies* foram distribuídos e/ou redistribuídos na *Web*, nosso foco se voltará para a *dimensão relacional*, na qual os *padrões de relação* criados com itens animados/inanimados revelarão a tônica de propagação do fenômeno investigado: majoritariamente homogênea ou heterogênea, em relação ao padrão inicial de construção/estruturação das imagens e seus propósitos veiculados? A metodologia empregada será aquela que Souza Júnior (2014) chamou de *análise propagatória*. Por fim, apresentaremos algumas considerações a respeito das análises conduzidas.

2 Memes – do offline ao online: um conceito sob o olhar de três perspectivas que se complementam

Fazendo uso da *abordagem integradora* (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b), seremos capazes de lidar com a análise da propagação de *eventos digitais*, como o *#selfienaurna*, considerando três pontos de vista que se complementam. Isso se torna possível porque a abordagem em questão é de base linguística (HALLIDAY, 1987; KRESS e VAN LEEUWEN, 2000), associada a preceitos da Teoria Memética (DENNETT, 1995; BLACKMORE, 1999, 2002; TYLER, 2011, 2013; LEAL-TOLEDO, 2013; SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b, 2015e) e comunicacionais (PALÁCIOS, 2004; SALAVERRÍA, 2003; RECUERO, 2006).

Essa abordagem possibilitou que Souza Júnior (2015a) oferecesse uma sugestão de reinterpretação do conceito de meme *offline* – ou o “gene da cultura” –, que fora proposto, primeiramente, pelo biólogo evolucionista Richard Dawkins (1979, 1982), e, no âmbito dos estudos locais, revisitado pela pesquisadora de Comunicação Raquel Recuero (2006).

Ainda sobre a definição inicial de meme *offline*, a partir de Dawkins (1979, 1982), Souza Júnior (2015b) esclarece que:

Para Dawkins (1979, 1982), dizer que um meme é o *gene da cultura* implica conceber que uma ideia ou informação é replicada majoritariamente de maneira homogênea, tendo os cérebros – e somente eles – como seus únicos artefatos de transmissão. Por exemplo, computadores, textos ou palavras não teriam esse poder, conforme concepções do autor (1982). Ademais, o meme seria uma ideia ou informação que se replica apresentando três características básicas: “fidelidade” (um meme se mantém fiel à ideia que o originou); “fecundidade” (um meme é replicado de diversas formas ou modos de construção); e “longevidade” (um meme deve durar por algum tempo)” (SOUZA JÚNIOR, 2015b, p. 2).

Com exceção de Dennett (1995) e Souza Júnior (2015a), os estudos dos pesquisadores citados abordaram o papel da linguagem nos processos de sistematização da propagação de memes de maneira tangencial (seja no domínio *offline* ou *online*). Dennett (1995, p. 347-348) advoga que os cérebros, por si só, não conseguiriam dar conta da replicação dos memes. O filósofo (1995, p. 347) também argumenta que computadores, textos ou palavras poderiam transmitir-los; defendendo, também, que essa transmissão não se daria majoritariamente de forma homogênea, uma vez que, em oposição ao princípio de *fidelidade*, um meme poderia evoluir direcionado pelo critério de “design”, o que poderia provocar alterações no padrão original das ideias a serem repassadas adiante. O direcionamento pelo critério de *design* possibilitaria o surgimento de padrões de propagação coexistentes e heterogêneos no processo de disseminação de um meme, portanto.

Na esfera local de estudos, seguindo uma essência comunicacional e baseada no posicionamento epistemológico de Dawkins (1979), a proposta de Recuero (2006) fez uso dos três critérios de identificação de um *meme offline* apresentados por Dawkins (1979) – i.e. *fidelidade*, *fecundidade* e *longevidade* –, adicionando um critério comunicacional de identificação chamado de *alcance* (memes, na *Web*, podem percorrer espaços locais ou globais).

No domínio dos estudos oriundos da Linguística, Souza Júnior (2015a) expande a proposta de Recuero (2006), abraçando o posicionamento epistemológico de Dennett (1995), Blackmore (2002) e Tyler (2011, 2013). Nesse sentido, por meio de sua *abordagem integradora*, o investigador (2015a) entende os memes da Internet como sendo uma expansão conceitual e composicional do meme de Dawkins (1979, 1982). Para Souza Júnior (2015a), no domínio *online*, estes formam um memeplexo ou um conjunto de memes da Internet. Não são, portanto, exclusivamente unidades mentais ou estritamente de imitação. Deste modo, no domínio digital, esse grupo ou conjunto de memes está expresso e se percebe distribuído através de *usos* (que podem alcançar o *status* de *prática*) linguístico-midiáticos identificáveis pela composição e disseminação de diversas unidades de propagação às quais esse memeplexo, de natureza linguístico-midiática, portanto, dá origem.

Sobre a composição linguístico-midiática de um memeplexo e os princípios que são focados nessa formação, Souza Júnior (2015b) explica que:

Além de esse memeplexo apresentar, sabidamente, aspectos constitutivos de natureza memética (*fidelidade/design; fecundidade; longevidade*), SOUZA JÚNIOR (2015a) corrobora o princípio de *alcance midiático* (RECUERO, 2006), e sugere dois princípios para lidar com a análise linguística da propagação de eventos digitais: “*funcionalidade*” (a evolução de um grupo de memes pode ser constatada pelos diferentes *propósitos* que estes podem expressar) e “*alcance linguístico*” (a evolução de um conjunto de memes pode ser analisada pelos diversos itens – animados/ inanimados? – que sua propagação venha a abordar; e, também, por meio de qual idioma – nativo ou estrangeiro? – esse processo aborda os internautas) (SOUZA JÚNIOR, 2015b, p. 2).

Já no âmbito dos estudos globais, também, direcionada por uma concepção comunicacional e, epistemologicamente, apoiada em Dawkins⁴ (1979), Limor Shifman (2014) propõe analisar a relação entre imagens e propagações digitais, focando-se, como inferimos, sobremaneira nos aspectos estruturais e amalgamadores dessas manifestações. Tais manifestações são reconhecidas como geradoras de camadas e estruturas genéricas, sendo vistas como se fossem um grande *layout* do ponto de vista da forma (estruturação). São três os *layouts* meméticos baseados em fotografias que, na visão de Shifman (2014), dão origem aos “gêneros”, a saber:

Photoshops de Reação são coletivos de imagens editadas, criadas em resposta a um pequeno grupo de fotografias famosas, as quais podem ser definidas como *fotos meméticas* (Shifman, 2013b). Tais fotos apresentam políticos (por exemplo: ‘The Situation Room’, ‘Floating Chinese Government Officials’), celebridades (‘Sad Keanu’, ‘Strutting Leo’), e ‘pessoas comuns’ (‘Disaster Girl’, ‘Frowning Flower Girl’). *Image Macro de Estereotipados* (são imagens com texto sobreposto a estas) que se referem a uma série de participantes representados, e têm atribuídos a eles comportamentos estereotipados (Knuttila, 2012; Milner, 2013). Por exemplo, ‘Sheltering Suburban Mom’ é uma hipócrita conservadora que prega uma coisa e pratica outra, e o ‘High Expectations Asian Father’ exerce cobrança excessiva sobre seus filhos para que tenham sucesso acadêmico. Tendências fotográficas apresentam fotos nada espontâneas de pessoas que aparecem imitando poses específicas em diversos cenários. (SHIFMAN, 2014, p. 343)⁵.

4 Shifman (2014, p. 341) faz uma ressalva quanto a essa adoção, indicando que, no domínio digital, ela entende os memes como “*grupos de unidades de conteúdo*” (*group of content units*). Souza Júnior (2015d), baseando-se em Blackmore (2002), compartilha desse posicionamento ao entender os memes da Internet como um *memeplexo linguístico-midiático*, porém o monitora desde sua *concepção inicial de composição e propósito* (genótipo, em analogia) até seus posteriores *espalhamentos* (análogo do fenótipo) na *Web*, enquanto Shifman (2014) parece se ater mais ao espalhamento e à estruturação(forma) do memeplexo. Todas as traduções são do autor do presente artigo.

5 *Reaction Photoshops* are collections of edited images created in response to a small set of prominent photographs, which may be labeled *memetic photos* (Shifman, 2013b). Such photos feature politicians (e.g. ‘The Situation Room’, ‘Floating Chinese Government Officials’), celebrities (‘Sad Keanu’, ‘Strutting Leo’), and ‘ordinary people’ (‘Disaster Girl’, ‘Frowning Flower Girl’). *Stock character macros* are image macros (images superimposed with text) that refer to a set of stock characters representing stereotypical behaviors (Knuttila, 2012; Milner, 2013). For example, ‘Sheltering Suburban Mom’ is a conservative hypocrite who preaches one thing and practices another, and ‘High Expectations Asian Father’ over-pushes his children to succeed academically (see Figure 3). *Photo fads* are staged photos of people who imitate specific positions in various settings (SHIFMAN, 2014, p.343).

Nas palavras de Shifman (2014), a relação entre memes e gêneros é assim definida:

Os memes, enquanto gênero, podem ser tomados como exemplos expressivos de criatividade popular. Enquanto se esperaria que, na ausência de um mecanismo de controle, as pessoas criariam uma gama infinita de tipos de memes, na realidade, os participantes tendem a moldar suas contribuições meméticas de acordo com um número surpreendente de fórmulas (Milner, 2012; Shifman, 2013b) (SHIFMAN, 2014, p. 342)⁶.

Sobre o foco na forma/estrutura dos memes da Internet enquanto gênero, Shifman (2014) defende que:

A aparente rigidez dos usuários que se percebe no preenchimento de alguns campos para a construção de uma imagem pode, na verdade, ter uma função social importante: seguir caminhos compartilhados na produção de memes é vital para criar um sentimento de pertencimento em um mundo fragmentado. Além disso, uma vez tomados como gêneros, os memes da Internet podem oferecer recursos valiosos para pesquisadores – enquanto resultados cristalizados de negociações multipartilhadas, eles nos permitem mapear as lógicas sociais e culturais que fundamentam a ostensivelmente caótica criação mundial de memes (SHIFMAN, 2014, p. 342)⁷.

Como Shifman (2014, p. 342) analisa, a adoção do conceito de gênero para categorizar memes da Internet ainda não é uma unanimidade pelo fato de o próprio conceito de gênero ainda vir sendo debatido na academia, a partir de diversas visões que se tem sobre o mesmo. Sua classificação dos memes imagéticos enquanto gêneros, majoritariamente direcionada pela estruturação/forma, revela o modo, também predominantemente amalgamador, estabilizador e quase-cognitivist, como Shifman (2014) interpreta os propósitos externados pela utilização das imagens geradoras de *eventos digitais*. Para, de alguma forma, dar conta dos referidos propósitos, Shifman (2014, p. 343; 350) recorre aos trabalhos de Knuttila (2012) e Milner (2013), e admite que um dos princípios fundamentais dos “gêneros” que ela propõe é aquele de “hipersignificação” (*hypersignification*).

Por fim, a classificação de memes da Internet como gêneros⁸ que Shifman (2014)

6 Meme genres may be regarded as prominent examples of vernacular creativity. While one might expect that in the absence of formal gatekeeping people would create an endless array of meme types, in reality, participants tend to mold their memetic contributions according to a surprisingly small number of formulations (Milner, 2012; Shifman, 2013b) (SHIFMAN, 2014, p. 342).

7 The apparent rigidity of users who work within a few generic boxes may in fact have an important social function: following shared pathways for meme production is vital for creating a sense of community in a fragmented world. Internet meme genres may also serve as valuable resources for researchers – as crystalized outcomes of multi-participant negotiations, they enable us to trace the social and cultural logics underpinning the ostensibly chaotic world of meme creation (SHIFMAN, 2014, p. 342). Como podemos ver, Shifman (2014) não associa o termo “função social” à constituição do elemento ‘gênero’, e sim, aos indivíduos que desses layouts se apropriam.

8 De nossa perspectiva linguística, por exemplo, é importante acrescentar que a visão de memes da Internet enquanto gêneros adotada por Shifman (2014) se aproxima muito mais da concepção de *tipo de texto* (*text type*). No âmbito da Linguística, essa última concepção diverge daquela de gênero. Grosso modo, nesse âmbito, o conceito de gênero seria prioritariamente definido a partir de

propõe, sendo direcionada pela estrutura/forma, leva-nos a refletir sobre sua fundamentação – que ainda pode estar em construção. A *hipersignificação* como critério definidor de um gênero nos parece uma associação, epistemologicamente, incompatível. Conforme Bakhtin (1997), para serem classificados como tal, gêneros necessitam demonstrar relativa estabilidade. E tal estabilidade, em nossa perspectiva (SOUZA JÚNIOR, 2013), não se perceberia só com relação à sua estruturação, mas também quanto a seu propósito comunicativo. O critério de *hipersignificação* seria um entrave para esse último nível de estabilidade, portanto. Por exemplo, uma imagem mostra um político tendo uma reação visual (i.e. olhar), porém, se uma legenda é associada a esse item representado, do ponto de vista da semiótica-social, o ato de falar não se sobreporia com ampliação da função na comunicação de sentidos em relação ao contato visual? Não impactaria a estruturação visual reacional e, conseqüentemente, alteraria seu propósito comunicativo, porque daria novo ângulo de representação a esse político mencionado? Casos de alterações “pluralistas” nesses moldes foram observados em Souza Júnior (2014; 2015d).

Nesse sentido, inferimos que Shifman (2014) nos oferece interpretações macro – do tipo ‘guarda-chuva’ – ou leituras *top-down* (i.e. descendentes). Porém, esse procedimento não atende nossas necessidades teórico-metodológicas. Baseando-nos em Souza Júnior (2014, 2015a, 2015d), o que nos interessa é a análise individual ou *bottom-up* (i.e. ascendente) de cada item que compõe esse coletivo de imagens, investigando o que o exame dessas ocorrências, focado em termos de estruturação e produção de sentidos/propósitos, tem a revelar por trás da ‘cortina de fumaça’ de propagações gerada por um grupo de itens disseminados (em forma de *eventos digitais*). Uma análise *bottom-up* ou ascendente é, portanto, aquela que, do ponto de vista das analogias meméticas, investiga a propagação digital de práticas linguístico-midiáticas desde o nível do genótipo (seu padrão de composição/propósito inicial) até o nível do fenótipo (distribuição e cópias que surgem nesse processo e sua natureza – se idênticas ou não ao padrão que as originou).

Deste modo, nossa proposta parte de uma orientação semiótico-social (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2014, 2015d), procurando ver como imagens (enquanto resultado de práticas de produção e distribuição de linguagem) são disseminadas, também, como produto de práticas de produção e distribuição por mídia. Com essa sobreposição de modos de produzir semioses atingindo o *status* de *prática linguístico-midiática*, temos formado um grupo ou complexo de memes e a propagação do *#selfienaurna*. Além disso, os elementos imagéticos manipulados e disseminados são tomados como uma espécie de sistema de escolha léxico-gramatical imagético-representacional. Esses elementos derivam e demonstram desenvolver padrões de

características externas (como o propósito comunicativo de uma produção textual, por exemplo), enquanto *tipo de texto* seria majoritariamente categorizado por critérios internos (por exemplo, a organização retórica de uma produção como indicadora de classificação). No tocante aos propósitos comunicativos a serem confirmados (ou não) como característicos dos memes da Internet enquanto gênero, uma boa aposta de investigação seria examinar seus caracteres de *renarrar* ou de *reconceituar/reclassificar* itens, associando-os ao caráter de *argumentar*, que percebemos na disseminação de unidades de propagação como as imagens meméticas, conforme observado em Souza Júnior (2015d). Como a discussão sobre memes da Internet enquanto *gêneros* não é nossa prioridade neste artigo, sugerimos ver Lee (2001) para uma breve diferenciação entre os conceitos de *gênero* e *tipo de texto*; e Balocco (2005), para uma discussão pautada na relação entre *gêneros* e multimodalidade.

estruturação ou sintaxe visual dos *selfies*, bem como proposições multimodais, dando-nos acesso, assim, às *funcionalidades* ou aos modos de funcionar dessas imagens.

2.1 Abordagem integradora e suas dimensões de análise

Ao fazermos uso da *abordagem integradora*, apontamos para o reconhecimento e investigação da disseminação de *eventos digitais* (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b, 2015c, 2015e), focando-nos nas *dimensões interna e externa de propagação* desses fenômenos. Essa aplicação e seus âmbitos analíticos podem ser mais bem entendidos, conforme o pesquisador (2015b) explicita, a seguir:

[...] *abordagem integradora*, parte, em primeiro lugar, de uma *dimensão interna e composicional* – os modos de construção das práticas linguístico-midiáticas (o conjunto de memes da Internet) encapsuladas em itens ou “unidades de propagação” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, p. 46-55). [...]. Em segundo lugar, tal análise migra para uma *dimensão externa e relacional* – i.e. como, para o que/quem essas referidas *unidades* ou itens são distribuídos/direcionados, e que relações emergem no processo de propagação desses elementos. Na dimensão externa, a análise se foca nos *eventos digitais* e na distinção de seus tipos (SOUZA JÚNIOR, 2015b, p. 2).

Se enxergado de sua dimensão interna de composição, um memeplexo linguístico-midiático, enquanto um combinado ou grupo de informações, pode ‘dar corpo’ e nos oferecer para análise diferentes unidades de propagação. Dentre estas, Souza Júnior (2015a) apresenta: *a) expressões meméticas; b) imagens meméticas; c) tirinhas meméticas; d) gifs meméticos⁹; e) vídeos meméticos; f) perfis meméticos.*

Sobre o modo de abordagem composicional das unidades de propagação, o autor (2015b) ainda coloca que:

Do ponto de vista da linguagem, toda unidade de propagação em análise revela uma maneira de ser construída (forma) e modo(s) de funcionar – i.e. *funcionalidade(s)* – com um propósito a indicar. Os propósitos aos quais essas formas de construção aparecem subordinadas (ocorrendo tal subordinação tanto para formas de construção linguísticas quanto para as midiáticas)[...] (SOUZA JÚNIOR, 2015b, p. 5).

Quando a dimensão externa de propagação de um complexo de memes é focada, dependendo da unidade de propagação disseminada e do tipo de complexo de práticas linguístico-midiáticas que tal unidade carrega e permite que os internautas repassem adiante, grandes ondas de propagação *online* podem dar origem a *eventos digitais*.

Através da propagação desses eventos, podem se desenvolver (ou não) padrões de propagação/cópias. Dentre esses padrões¹⁰, até o momento, SOUZA JÚNIOR (2015b,

9 Grosso modo, imagens animadas que repetem algo à exaustão – uma celebridade levando um tombo, por exemplo.

10 De acordo com aquilo que os resultados sugeriram em Souza Júnior (2015a), fenômenos meméticos demonstraram propagação majoritariamente com léxico-gramática localizada nos domínios avaliativos do Afeto, da Apreciação e do Julgamento enquanto Estima social (MARTIN e WHITE, 2005). Já a léxico-

2015e) reconhece:

- a) *fenômenos virais* (são propagados mais com base em visualização do que em cópias)
- b) *fenômenos meméticos da Internet* (são propagados mais com base em produção de cópias – idênticas ou não – do que com base em visualizações)
- c) *movimentos digitais* (apresentam número limitado de cópias e seus proponentes tendem a tentar preservá-las de maneira homogênea, objetivando evitar variações quanto ao propósito ou sentidos que buscam externar através das unidades de propagação que dão origem a tais eventos) (SOUZA JÚNIOR, 2015b, p. 2-3).

2.1.1 Abordagem integradora e o *selfie* enquanto uma combinação linguístico-midiática de memes da Internet

Em função das visões acerca do conceito e, principalmente, da composição do termo *meme* apresentadas até aqui, informamos que, do ponto de vista da “*análise composicional*” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), adotamos o posicionamento *externalista* de Dennett (1995), combinando-o com a sugestão *informacionalista* de Tyler (2013) para lidar com o entendimento dos *selfies* enquanto um complexo de memes da Internet que encapsula e propaga práticas linguístico-midiáticas. Uma vez vistos como um *composto de memes da Internet*, os *selfies* podem ser reconhecidos pelos critérios de *fecundidade*, *longevidade* e *alcance*. Como podemos perceber, são produzidos com frequência, e isso já vem ocorrendo há algum tempo, revelando, cada vez mais, adeptos locais e globais nos domínios digitais.

Ademais, tais práticas, enquanto um complexo ou combinação de *memes da Internet*, no sentido de Souza Júnior (2015a), podem apresentar um modo de construção “multimodal” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000). Isso quer dizer que uma imagem, frequentemente atrelada a um texto ou legenda, construída e/ou distribuída digitalmente e, por vezes, também, de forma “multimidiática” (SALAVERRÍA, 2003; PALÁCIOS, 2004), vem sendo direcionada para cumprir propósitos sistematizados pela linguagem. Do ponto de vista da “*análise composicional*” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), o levantamento dessas informações nos situa na *dimensão interna de propagação dos selfies enquanto um complexo de memes*. Isto é, neste nível de análise, nos propomos a investigar *como um conjunto de memes se compõe, de que maneira essa unidade de propagação se estrutura*.

Já no estágio seguinte, aquele de “*análise relacional*” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), o foco recai sobre os *eventos digitais*, trazendo à tona a *dimensão externa de propagação* desse memplexo (i.e. *dimensão onde identificamos quem aborda alguém/algo; como; com que fins/propósitos essa abordagem se dá; e quais relações aí surgem*). Assim sendo, ganha destaque a análise da dimensão de evolução dos fenômenos na *Web*, através das relações surgidas com a disseminação das unidades de propagação. Nesse domínio, com base em Souza Júnior (2015a), investigamos, principalmente, se os fenômenos evoluem mais ligados ao critério de *fidelidade da cópia* ou àquele de *design*. Dependendo do grau de influência do critério de *design*, investigamos como o critério de *funcionalidade* atua (para mais ou para menos) nos padrões gerados, classificando esse

gramática dos movimentos digitais, por seus proponentes terem como foco majoritário as questões de cunho social/testatórias, tenderia a apresentar um maior grau de ocorrência localizado nos domínios da categoria avaliativa de Julgamento enquanto Sanção Social (MARTIN e WHITE, 2005).

evento digital, de acordo com o padrão de disseminação que ele vier a desenvolver (i.e. *viral*, *fenômeno memético* ou *movimento digital*?). Por fim, verificamos a evolução que o fenômeno apresentou, considerando os tipos de *alcance* (i.e. *alcance midiático e/ou alcance linguístico*) e de *longevidade* (i.e. *por produção* – de cópias, idênticas ou não –, ou *por recepção* – visualizações?).

Deste modo, o referido posicionamento nos possibilita abordar as postagens surgidas no *evento digital* #selfienaurna orientados pela perspectiva da linguagem, apoiando-nos na teoria multimodal e sistêmico-funcional (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000; HALLIDAY, 1987), integrando tal análise com os pontos de vista memético e comunicacional, conforme propõe Souza Júnior (2015a, 2015b, 2015e).

3 A Gramática do *Design Visual*: categorias multimodais de análise

A Gramática do *Design Visual* é uma proposta de análise que integra o estudo de imagem e texto, a partir das concepções da Linguística Sistêmico-funcional presentes em Kress e van Leeuwen (2000). Sendo assim, a proposta dos pesquisadores (2000) desenvolve um modelo multimodal de análise entendido como de orientação semiótico-social. Tal caracterização teórica configura-se desta maneira porque estes autores (2000) tomam como base as três Metafunções da Linguagem propostas em Halliday (1987), a saber: Ideacional; Interpessoal; Textual.

Grosso modo, a proposta original de Halliday (1987) indica que a Metafunção Ideacional nos permite entender e interpretar experiências que vivenciamos. A Metafunção Interpessoal nos possibilita direcionar nossas mensagens à nossa audiência, através da interação e demarcação de papéis interacionais. Já a Metafunção Textual dá conta de organizar, sistematizar e distribuir nossas mensagens comunicadas aos outros, atendendo aos requisitos de um contexto, bem como de seu cotexto.

Focando-se a análise multimodal, com base em Kress e van Leeuwen (2000), em primeiro lugar, há um entendimento que indica que as Metafunções podem ser aplicáveis a todas as formas de semiose, não estando estas restritas especificamente, portanto, à expressão da fala ou da escrita. Essas Metafunções, ainda conforme os autores (2000), sobrepõem-se umas às outras e, assim, devem ser analisadas.

Os pesquisadores (2000) interpretam a aplicação da Metafunção Ideacional, por exemplo, indicando que “qualquer modo semiótico é capaz de representar aspectos do mundo, à medida que estes são experienciados pelos seres humanos” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000, p. 42 *apud* SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 76). Nesse sentido, parafraseando Kress e van Leeuwen (2000, p. 42), pode-se, por exemplo, expressar visualmente, através da Metafunção Ideacional, a interação entre objetos representados, estando essa interação identificada pelo auxílio de vetores. Tais vetores podem ser indicados pelas partes do corpo dos participantes (por exemplo, mãos, braços, pernas, etc.), instrumentos/objetos, olhar/reação, balões de fala/pensamento (ou inserção de legendas *que funcionem como* esses balões), linhas e ângulos que acabam se formando pelo modo como os participantes ou objetos são apresentados/dispostos em uma representação visual.

Localizados entre os domínios das Metafunções Ideacional e Interpessoal, os vetores podem surgir de um dos participantes representado X (chamado de Ator) para

outro participante Y (chamado de Meta, em relação ao X), que interage com o primeiro destes – surge, assim, o padrão transacional *unidirecional*. Há, também, a possibilidade de os vetores partirem, ao mesmo tempo, de ambos os participantes representados (chamados de Interactantes) – assim, temos o padrão transacional *bidirecional*. Por fim, é possível que um participante representado (Ator) seja retratado dando origem a um vetor sem alvo – eis, aí, o padrão *não-transacional*. Isso quer dizer que há casos, nesses moldes, nos quais não conseguimos ver, por um corte/apagamento (intencional ou não) na representação/imagem, para quem este vetor aponta/ se direciona.

A presença ou a ausência de vetores nos leva, automaticamente, a outro elemento importante para analisarmos as representações visuais: o *processo*. Os processos, de forma breve, podem ser divididos em duas grandes categorias: a) Narrativos; b) Conceituais.

Processos Narrativos, baseando-nos em Kress e van Leeuwen (2000, p. 45-79), são aqueles nos quais percebemos participantes *fazendo/recebendo* alguma coisa *para/de alguém*. Nesses processos, os vetores mencionados apresentam os padrões de interação já relatados. No caso dos Processos Narrativos, esses participantes – humanos ou outros itens (animais, por exemplo) representados como se humanos fossem – são os elementos que podem dar origem a vetores, e são visualizados fazendo/recebendo alguma coisa para/de alguém. Além de *processos*, *participantes* e *vetores*, as representações visuais narrativas podem comportar *circunstâncias* (que podem ser: *de instrumento* – objetos que os participantes usam para executar ações; *de local*; ou *de acompanhamento/companhia*).

Já em Processos Conceituais, os participantes são os elementos mostrados “*sendo, existindo, associados, superiores ou subordinados* a outros elementos visuais (sejam esses elementos objetos/instrumentos, lugares ou pessoas)” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000, 79-88 *apud* SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 76).

No processo de surgimento dessa combinação de elementos visuais, há que se observar, também, sua organização e estruturação para que a mensagem multimodal seja direcionada a sua audiência. Isso quer dizer que, através da Metafunção Textual, tais elementos não são distribuídos aleatoriamente nas representações multimodais. Nesse sentido, por exemplo, alguns elementos representados aparecerão na *frente* e outros no *fundo do cenário* da imagem; uns *iluminados* e outros completamente *foscos ou borrados*; podem existir itens colocados no *centro* e outros nas *margens*. Além disso, *textos de identificação auxiliar* podem, multimodalmente, complementar e informar sobre o tipo de sistematização, organização e proposição (propósito) que o produtor de uma imagem deseja apresentar/externar.

No Quadro 1, apresentamos uma tabela sinótica dos elementos que constituem os mecanismos de representação previstos na Gramática do *Design Visual*:

Quadro 1: Possibilidades e elementos de estruturação multimodal das Representações Narrativas e Conceituais.

Conceituais:

REPRESENTAÇÕES NARRATIVAS			
PROCESSOS	PARTICIPANTES	RELAÇÃO VETORIAL?	TIPOS
MODOS	FUNÇÕES	SIM.	DE VETOR
ACIONAL	ATOR > META	TRANSACIONAL UNIDIRECIONAL	MEIOS (OBJETOS)
	INTERACTANTE 1 > < INTERACTANTE 2	TRANSACIONAL BIDIRECIONAL	OU PARTES DO
	ATOR > ---- (SEM META)	NÃO-TRANSACIONAL	CORPO (PÉ, BRAÇO ETC.)
EVENTO	(ATOR OCULTO) ---> META	TRANSACIONAL UNIDIRECIONAL	
REACIONAL	REATOR > FENÔMENO	TRANSACIONAL	CONTATO FIRMADO
	REATOR > ---- (SEM FENÔMENO)	NÃO-TRANSACIONAL	PELO OLHAR
VERBAL	DIZENTE > ENUNCIADO	TRANSACIONAL	BALÃO DE DIÁLOGO (OU SIMILAR)
MENTAL	EXPERIENCIADOR > FENÔMENO	TRANSACIONAL	BALÃO DE PENSAMENTO (OU SIMILAR)
REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS			
PROCESSOS	PARTICIPANTES	RELAÇÃO VETORIAL?	TIPO DE TAXONOMIA
MODOS	FUNÇÕES	NÃO.	DE CLASSIFICAÇÃO
CLASSIFICACIONAL	SUPERORDINADO	SUBORDINADO	IMPLÍCITA
	SUPERORDINADO/ INTERORDINADO; INTERORDINADO/SUBORDINADO		EXPLÍCITA
ANALÍTICO	PORTADOR	ATRIBUTO POSSUÍDO (AJUDA A CONSTITUIR UMA IDENTIDADE)	
SIMBÓLICO	PORTADOR	ATRIBUTO SIMBÓLICO (SUSCITA, CONFERE IDENTIDADES)	
VARIÁVEIS CIRCUNSTANCIAIS DAS REPRESENTAÇÕES VISUAIS			
CENÁRIO	CIRCUNSTANCIADOR LOCATIVO QUE RELACIONA OS PARTICIPANTES REPRESENTADOS.		
MEIOS	OS INSTRUMENTOS COM OS QUAIS OS ATORES EXECUTAM AÇÕES, DANDO ORIGEM AOS VETORES.		
ACOMPANHAMENTO	PARTICIPANTE QUE NÃO APRESENTA RELAÇÃO VETORIAL, NEM PODE SER ATRIBUTO SIMBÓLICO.		
LEGENDA: O SÍMBOLO (>) INDICA A PRESENÇA DE VETOR NA REPRESENTAÇÃO VISUAL. O SÍMBOLO (---) INDICA AUSÊNCIA DO ELEMENTO ENTRE PARÊNTESES.			

Fonte: Souza Júnior, 2014, p. 97.

Acrescentamos, também, as Figuras 1 e 2 que ilustram alguns dos tipos de *processo*, *relações vetoriais*, *participantes* e *circunstâncias* relevantes para as análises que contemplam os modos de construção das práticas linguístico-midiáticas, encapsuladas e propagadas em *selfies*, que integram o nosso *corpus*¹¹:

11 Para maiores aprofundamentos sobre os elementos em questão, sugerimos ver Kress e van Leeuwen (2000) e Souza Júnior (2014, p. 75-101; 2015d).



Figuras 1 e 2: Selfies e exemplos de análise multimodal de algumas práticas linguístico-midiáticas encapsuladas nas estruturações visuais conceituais e narrativas.

Fonte: <<http://selfienaurna.tumblr.com/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

4 Corpus e metodologia

4.1 Corpus

O *corpus*, coletado nos dias 02 e 26 de outubro de 2014, respectivamente, 1º e 2º turnos das eleições no Brasil, é formado por 31 postagens estruturadas multimodalmente a partir de *selfies* tirados por anônimos e celebridades. As imagens aparecem em associação a textos complementares, em forma de legendas. Após tirarem os *selfies*, esses internautas poderiam optar por acrescentar (ou não) legendas a essas imagens primárias. A origem das imagens (disponibilizadas publicamente) aponta para os perfis de internautas das redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. Desses perfis, essas postagens acabaram sendo redistribuídas/redirecionadas para a rede social *Tumblr*, contribuindo para o surgimento de uma página e seu *evento digital*: #selfienaurna. Os *posts*, já acomodados na página do evento, acabaram recebendo, também, comentários adicionais por parte do administrador da página do fenômeno investigado. Tais comentários adicionais eram introduzidos logo abaixo da postagem original dos autores das imagens disponibilizadas *online*. Em seguida, as postagens receberam novos compartilhamentos e/ou redistribuições cíclicas para outros ambientes digitais por parte de outros internautas associados à página #selfienaurna.

4.2 Metodologia

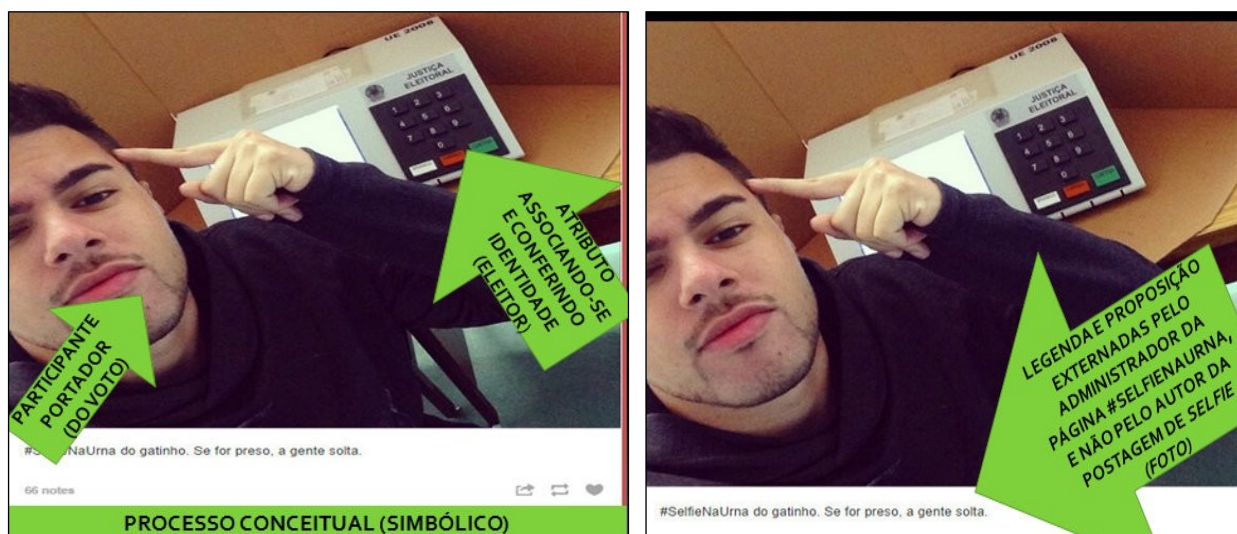
A metodologia empregada é aquela que Souza Júnior (2014) chamou de “*análise propagatória*”. A teoria e as categorias que nos embasam nessa fase de investigação são aquelas apontadas na Seção 3. Através da referida metodologia, objetivamos investigar a existência (ou não) dos graus de ‘reelaboração’ do *#selfienaurna*, identificando, primeiro, seus *itens-base* (i.e. os *modos de estruturar e de indicar propósitos através das postagens de selfies*). Em seguida, analisando o processo de distribuição das imagens, vemos se tais graus e esses referidos *modos* são majoritariamente direcionados pelo princípio de “*design*” (DENNETT, 1995) – padrão externalista (heterogêneo) –, ou por aquele de “*fidelidade da cópia*” (DAWKINS, 1979; 1982) – padrão internalista (majoritariamente homogêneo). Nesse sentido, fenômenos com propagação de natureza externalista são caracterizados por apresentar mais retransmissão (cópia com reelaboração) do que replicação (cópia por imitação). Fazendo uso da metodologia de *análise propagatória*, pretendemos generalizar tais graus.

Nessa concepção metodológica, primeiro, examinamos as unidades de propagação (*posts de selfie*) que deram origem ao fenômeno investigado, mapeando seus padrões de construção (estruturação multimodal – há mais padrões narrativos ou conceituais?) e de externalização de sentidos (propósitos/proposições multimodais – quais são atribuídos aos *selfies* postados? Atrelam – ou não – identidade criminosa ao produtor?). Os propósitos (de um ponto de vista da multimodalidade) são expressos interpretando-se os recursos de estruturação visual dessas imagens (enquanto *unidades de informação multimodal* passíveis – ou não – de ‘reelaboração’) em conjunto (quando disponíveis) com seus textos de acompanhamento. Depois de definir como a imagem que originou o *#selfienaurna* se estruturou e que tipo de propósito/proposição por meio dela foram externados, esse padrão inicial identificado é confrontado com as demais ocorrências que aparecem no *corpus*. Assim, um levantamento quantitativo é feito, no sentido de revelar se o padrão original se mantém ou revela outros padrões coexistentes.

Posto isso, o referido tipo de análise pode ser entendido, de acordo com Souza Júnior (2014), como fundamentado em uma metodologia de natureza híbrida. Em primeiro lugar, é qualitativa, pois baseia-se tanto na interpretação dos resultados obtidos, como na própria aplicação das categorias apresentadas na Seção 3. Soma-se a isso, o fato de algumas classificações poderem ter seu surgimento ligado à visão ou compreensão de mundo do analista. Em segundo lugar, é quantitativa, pois, conjugando esforços com as postulações da Teoria Memética¹², procura-se identificar, com base na frequência de ocorrência, se os referidos padrões iniciais (de estruturação/sintaxe visual e propósito/proposição multimodais) da imagem que deu início ao fenômeno *#selfienaurna* são mantidos ou não em suas replicações e/ou retransmissões subsequentes.

Temos como padrão inicial, para confronto com os padrões concorrentes a serem analisados, a imagem já mostrada na Figura 1, e repetida, a seguir, com novo objetivo. Desta maneira, nas Figuras 3 e 4, podemos verificar quatro aspectos que constituem o padrão da postagem de *selfie* que deu origem ao *evento digital* investigado, focando-se essa imagem do ponto de vista de sua estrutura (forma) e proposição multimodais (propósito):

12 Conforme concepções apontadas em Souza Júnior (2014, 2015a).



Figuras 3 e 4: Padrão inicial de postagem de *selfie* que originou o fenômeno #selfienaurna.

Fonte: <<http://selfienaurna.tumblr.com/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

1) Tipo de estruturação relacionada ao *processo*: **Conceitual Simbólico**;

2) Tipo de representação multimodal do autor em relação ao tipo de *processo*: **Portador**;

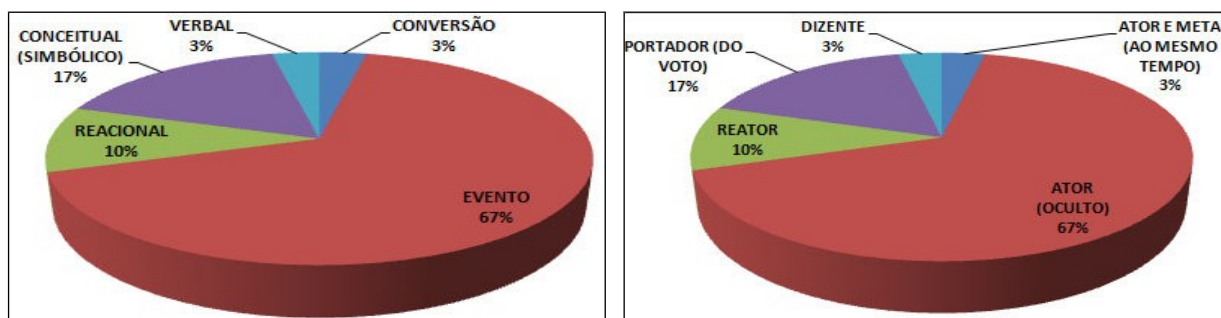
3) Proposição multimodal sobre o ato de *selfie* pelo autor do mesmo: **Não externada**;

4) Proposição multimodal sobre o ato de *selfie* indicada pelo administrador da página #selfienaurna: **Externada como Crime/infração** (o administrador escreveu em sua legenda: “se for preso, a gente solta.” – i.e. nesse contexto, *selfie* ‘dá cadeia’).

5 Análise multimodal e relacional da propagação de *selfies*: discussão dos resultados

5.1 Estruturações multimodais das postagens de *selfie*: análise semiótico-social e discussão

Em primeiro lugar, conforme direcionamentos metodológicos informados em 4.2, quando o padrão inicial de propagação do *evento digital* #selfienaurna (Figuras 3 e 4) foi examinado e contrastado, no que dizia respeito aos elementos de estruturação visual (forma ou sintaxe visual) de *processo* e *tipo de representação do autor do selfie*, verificamos que tal fenômeno evoluiu com base nos padrões relatados nos Gráficos 1 e 2, a seguir:



Gráficos 1 e 2: Evolução das práticas linguístico-midiáticas mapeadas no “#selfienaurna”, respectivamente, quanto aos elementos estruturais de *processo* e *participante representado*.

Fonte: Gráficos elaborados pelo autor.

Conforme os dados do Gráfico 1, podemos observar que o padrão inicial do fenômeno #selfienaurna, quanto ao elemento estrutural de *Processo*, foi completamente alterado. Esse fenômeno surgiu com um padrão *Conceitual Simbólico* (17%), como já mostrado na Figura 3, e evoluiu, majoritariamente, para aquele reconhecido como *Evento* (67%), a ser exemplificado na Figura 4, a seguir:



Figura 4: *Evento* – padrão de estruturação multimodal mais frequente na propagação do #selfienaurna.

Fonte: <<http://selfienaurna.tumblr.com/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

Se observarmos que o padrão *Conceitual Simbólico* deve apresentar um participante completamente representado no Cenário de uma estruturação visual e, se lembrarmos da situação de proibição na qual esses *selfies* foram criados, constatamos que a maioria dos autores das imagens que contribuiu para a propalação do fenômeno #selfienaurna tenha querido participar desse processo de disseminação nos ambientes virtuais por meio de *um fazer/agir, sem trazer para si o maior foco*.

Dessa maneira, conforme evidenciado pelo Gráfico 2, o modo como esses autores passaram a ser retratados foi, conseqüentemente, modificado – evoluindo de uma

representação como *Portador* (17%) para aquela de *Ator Ocultado* (67%).

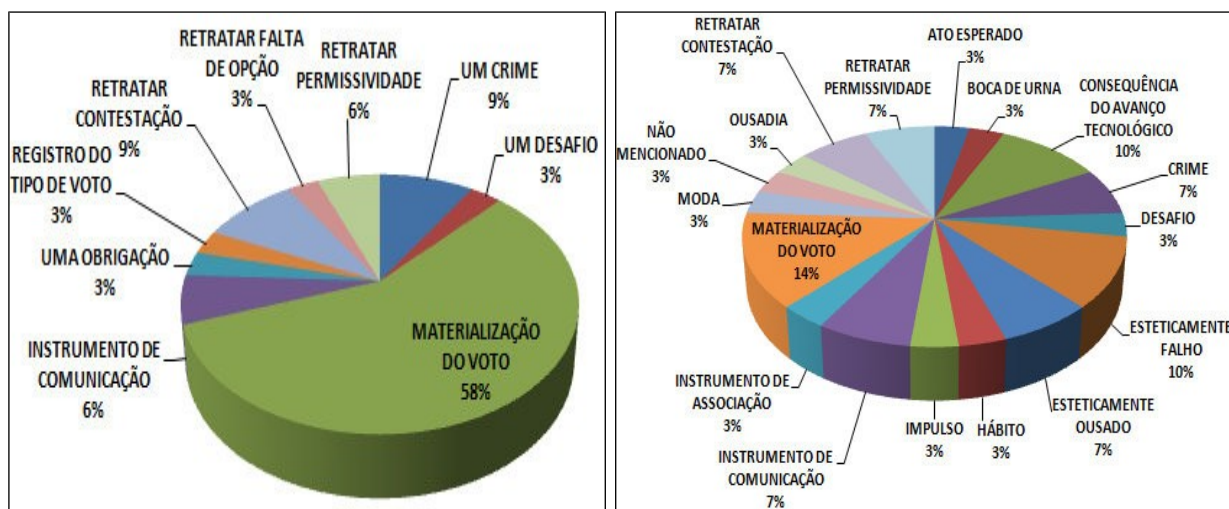
Em um contexto em que o ato de *selfie* foi proibido, percebemos que o modo de estruturação dos Processos associados às representações visuais evoluiu de um padrão inicial que era Conceitual para outro majoritariamente Narrativo.

Do ponto de vista semiótico-social, os resultados indicaram que o fenômeno evoluiu porque os eleitores/internautas fizeram uso de práticas linguístico-midiáticas majoritariamente para *agir/fazer/dizer* em vez de *definir/associar/classificar*. De acordo com os dados, *selfies* aparentam se configurar mais como veículos para propagar e externar ações do que *definições ou classificações*. Os dados sugerem, portanto, que as práticas midiáticas que possibilitam a construção e distribuição desses *selfies* se associaram com práticas de produção e distribuição multimodais. Dessa junção, surge um complexo de memes que nos permitiu identificar *modos de construir ou atalhos para estruturar multimodalmente narrativas* na contemporaneidade.

Tendo em mente estes dois extremos de estruturação (*fazer/agir*) x (*definir/associar/classificar*), uma série de proposições multimodais foi indicada e, a partir dessas proposições, pudemos verificar se, no que dizia respeito ao *propósito*, as práticas linguístico-midiáticas – enquanto um complexo de memes encapsulado em *selfies* – também demonstrariam algum tipo de evolução ao indicar proposições/propósitos (trazendo à tona suas *funcionalidades*).

5.2 Proposições multimodais das postagens de *selfie*: análise e discussão

Complementando a análise baseada nos direcionamentos metodológicos informados em 4.2, o padrão inicial de propagação do evento *#selfienaurna* (Figuras 3 e 4) foi examinado e contrastado no que dizia respeito aos tipos de proposição multimodal (*propósitos*) que tanto os autores das imagens compartilhadas quanto o administrador da página do *Tumblr* atribuíram ao ato de *selfie*. Assim sendo, verificamos que as visões a respeito do que significavam esses atos, surgidas no fenômeno em questão, evoluíram com base nos seguintes padrões indicados nos Gráficos 3 e 4, abaixo:



Gráficos 3 e 4: Proposições multimodais (propósitos) acerca do ato de *selfie*, respectivamente, indicadas por seus autores e pelo administrador da página *#selfienaurna*.

Fonte: Gráficos elaborados pelo autor.

Conforme os dados do Gráfico 3, podemos observar que o padrão inicial do fenômeno *#selfienaurna* foi completamente alterado, no que diz respeito ao elemento *propósito* que o produtor do *selfie* atrelou a essa prática linguístico-midiática. Na verdade, como o primeiro autor que postou a imagem desencadeadora do *evento digital #selfienaurna* não indicou explicitamente (ou de maneira representacional acional), nem através de legenda ou outro texto de acompanhamento, qual padrão inicial relativo ao *propósito* estaria expresso no *selfie* que ele produziu, podemos dizer que surgiu, assim, um *padrão baseado em ausência*¹³ de proposição externada.

Os demais *selfies* que surgiram no processo de propagação do *#selfienaurna* alteraram a propalação desse fenômeno, porque os autores dessas imagens passaram a associar certos tipos de proposições multimodais às representações que eles criaram e distribuíram.

De uma perspectiva semiótico-social, a evolução estrutural multimodal do *#selfienaurna*, de sua natureza Conceitual para outra majoritariamente Narrativa – como visto pelos Gráficos 1 e 2 –, desenvolveu uma espécie de efeito dominó sobre a possibilidade de externar propósitos por parte dos autores dos *selfies*, fazendo com que estes pudessem ser indicados por meio de *ações (ou modos de agir/fazer e seus fins/objetivos)* e representados multimodalmente nas imagens que deram destaque ao *evento digital* estudado.

Quando contrastamos os propósitos atribuídos aos *selfies* por parte de seus autores (Gráfico 3) com as visões sobre essas mesmas imagens, observando as legendas incluídas pelo administrador da página do *Tumblr* (Gráfico 4), percebemos que, para esses dois tipos de internauta, respectivamente, os *selfies* foram construídos e distribuídos para apresentar padrões de *funcionalidade*. Em cada gráfico, esses padrões nos possibilitam enxergar a externalização do *propósito/proposição multimodal* com mais destaque absoluto atribuído aos *selfies* postados, que, no caso, foi o de *Materialização do voto* (58% – Gráfico 3) e (14% – Gráfico 4). Vejamos um exemplo do *corpus* quanto a esse tocante:

13 Pelas bases da Teoria Memética, um meme pode ser identificado como uma ideia que é transmitida, repassada adiante e se mantém ativa por um tempo não só por padrões que externalizam de maneira explícita/ativa tal ideia. Seguindo esse raciocínio, conforme Leal Toledo (2013, p. 187-188) exemplifica, “falar exageradamente” seria um meme; *não falar* (ou o “meme de ficar calado”) também o seria.

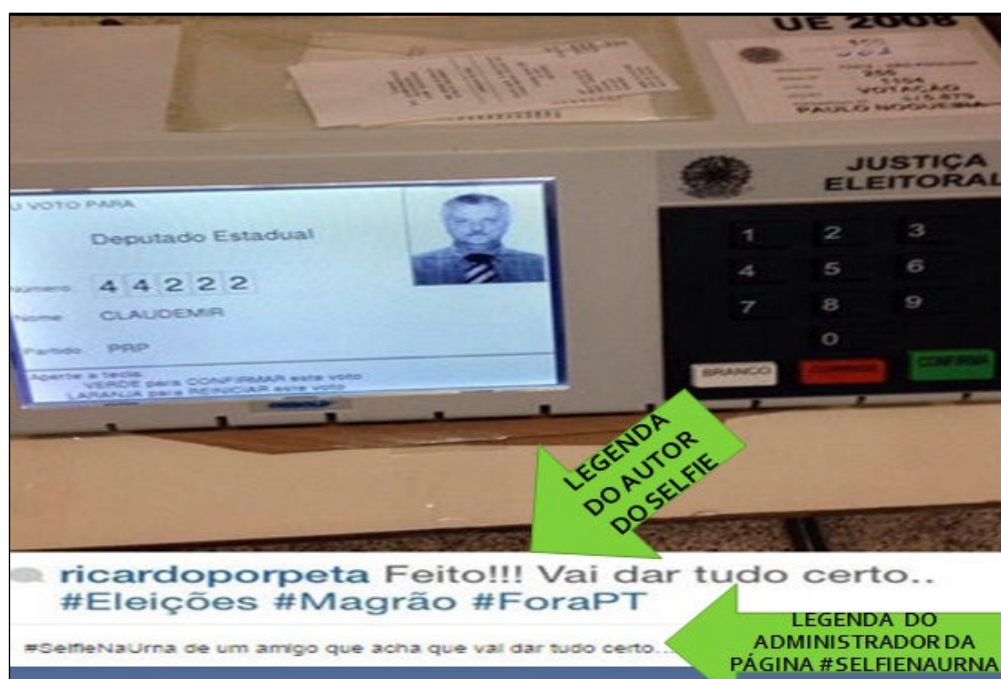


Figura 5: Padrão de proposição multimodal mais frequente na propagação do #selfienaurna.
Fonte: <<http://selfienaurna.tumblr.com/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

Ademais, é curioso observar que a proposição multimodal externada pelo administrador da página do *Tumblr*, que, no padrão inicial (Figura 3), classificara o ato de *selfie* como *crime/infração*, teve replicação bastante reduzida¹⁴ tanto no Gráfico 3 quanto no 4.

5.3 A propagação digital do #selfienaurna pela perspectiva da abordagem integradora: aspectos relevantes da análise relacional

Do ponto de vista da “análise relacional” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, p. 56-58), os dados apontaram, em primeiro lugar, que o fenômeno #selfienaurna demonstrou apresentar uma evolução baseada na superação dos padrões iniciais tanto no que diz respeito aos aspectos de estruturação (forma) – tipos de processo e modos de representação dos autores dos *selfies* –, bem como no que se referiu aos tipos de proposição multimodal (*propósitos*) – visões acerca do ato de fazer *selfies*. Isso significa dizer que, com a superação dos padrões iniciais, as *unidades de propagação* do fenômeno #selfienaurna apresentaram um padrão de evolução *externalista* (i.e. heterogêneo – aspectos de *estruturação* e *propósito* dessas referidas unidades/imagens).

No que diz respeito à evolução do #selfienaurna ter sido direcionada por um padrão *externalista* não só quanto ao item *estruturação (forma)* – algo já previsto para esse item em Dawkins (1979; 1982) –, mas também quanto ao item *proposição multimodal (propósitos)*, do ponto de vista de uma *abordagem integradora*, entendemos que o princípio memético de *fidelidade* (DAWKINS, 1979; 1982), no que se refere aos itens

14 Sugerimos ver Souza Júnior (2015c) que, fazendo uso dos preceitos da Análise Crítica do Discurso, já apontou e discutiu razões ideológicas que complementam o entendimento para a presente constatação.

mencionados, foi suplantado pelo princípio de *design* (DENNETT, 1995).

Desta forma, o princípio memético de *design* abriu caminho para uma maior influência do princípio linguístico de *funcionalidade*. Assim sendo, as práticas linguístico-midiáticas em forma de *selfie*, distribuídas por meio das imagens e suas postagens geradas, enquanto *unidades de propagação*, puderam se apresentar com novos modos de funcionar (i.e. *funcionalidades*), originando padrões de produção e distribuição por mídia, bem como padrões de estruturação e proposição multimodais diferentes daqueles que deram início ao *#selfienaurna*. Esses referidos padrões emergiram através de uma espécie de processo digital de “dialogia” (BAKHTIN, 1997) e, posteriormente, foram influenciados por processos digitais de “recontextualização” e “ressignificação” (FAIRCLOUGH, 2001) – iniciando-se pelos eleitores/autores dos *selfies* postados e concluídos, principalmente pelo processo de ressignificação das proposições das imagens, via legendas, por parte do administrador da página do fenômeno investigado.

Com base nesses aspectos, vemos que o *#selfienaurna* demonstrou ter se desenvolvido, então, como um *fenômeno memético da Internet e não como um fenômeno viral ou movimento digital* – apesar de ter tido toda a tônica inicial para poder ter se desenvolvido nos moldes do último tipo de *evento digital* mencionado, uma vez que o *#selfienaurna* se propunha a contestar uma medida de proibição da Justiça Eleitoral brasileira.

Dentre os demais *aspectos relacionais* analisados, constatamos que o *#selfienaurna* se iniciou com indicação de *longevidade pela produção* (i.e. gerando produções de postagens de *selfie* e não só o acesso ou visualização estática destas postagens), porém, se estabilizou e, até o dia 26/10/2014, permanecia demonstrando ter *longevidade pela recepção* (i.e. sendo mais acessado/visualizado do que gerando mais produções).

O tipo de *alcance midiático* apresentado pelo fenômeno foi aquele identificado como *alcance local* – percorreu redes sociais e sites locais, tendo permanecido na dimensão *online* – i.e: majoritariamente nas redes sociais, domínio onde, naturalmente, as postagens de *selfie* têm seu nicho de aplicação e atingem seus potenciais máximos de produção e distribuição (multi) midiáticas.

Já o *alcance linguístico*, por seu turno, também revelou *padrão externalista*, por consequência da já mencionada influência conjunta dos princípios constitutivos de *design* e *funcionalidade* na propagação do fenômeno em questão. O alcance linguístico evidenciou-se pelo fato de os autores dos *selfies* não terem mantido o padrão inicial de propagação, o qual mostrava essas imagens abordando ou colocando como participantes representados os elementos animados. Novos padrões surgiram (Materialização do voto 58%), isto é, *selfies* passaram a ser direcionados para retratar elementos inanimados com maior foco, em detrimento da ocultação/apagamento dos elementos animados (eleitores/autores dos *selfies*), e assim se mantiveram, conforme dados do Gráfico 3.

Quanto ao tipo de idioma, o alcance linguístico, manteve seu padrão homogêneo – até pela característica específica e local do evento em questão: eleições brasileiras. Permaneceu, portanto, com propagação majoritária em Português, do início à queda do fenômeno estudado.

6 Considerações finais

Com a proibição da produção e compartilhamento *online* de *selfies* oriundos das cabinas de votação nas eleições de 2014 pela Justiça Eleitoral brasileira, ecoa, de maneira socialmente relevante, a perspectiva defendida por Souza Júnior (2015a), baseando-se Dennett (1995), Blackmore (2002), e Tyler (2011, 2013), a qual entende que memes não seriam transmitidos unicamente de cérebro para cérebro, uma vez que, nessa concepção, artefatos não-cerebrais, como as mídias (sociais/digitais), também possibilitariam tal transmissão.

No presente artigo, expandindo proposição de Souza Júnior (2015c), entendemos ser relevante discutir por que práticas linguístico-midiáticas, em forma de *selfie*, tornaram-se objeto de preocupação para a Justiça Eleitoral e como tais práticas, socialmente relevantes na contemporaneidade, se não fossem objeto de impedimento, poderiam efetivamente propagar um “memeplexo” (BLACKMORE, 2002; SOUZA JÚNIOR, 2015a) ou complexo de memes da Internet, dando origem a fenômenos meméticos – como o *#selfienaurna*. Tal complexo e fenômeno desenvolveram alguns padrões de propagação e, por consequência, ‘desestabilizaram’ a prerrogativa de anonimato e o princípio de livre escolha do ato de votar defendidos pela Justiça Eleitoral brasileira.

Considerando essa oposição de lados ou posicionamentos, o presente artigo se organizou de maneira a apresentar ao leitor menos familiarizado os principais aspectos concernentes ao conceito de meme e à Teoria Memética. Vimos como tal conceituação e teoria passaram a ser usadas para embasar estudos nas áreas de Comunicação e Linguística, dando origem a uma “*abordagem integradora*” (SOUZA JÚNIOR, 2015a) para a análise da propagação de *eventos digitais*.

Apoiados nos aspectos integrantes da referida abordagem, pudemos entender como *selfies*, a partir do que Souza Júnior (2015a) chamou de “*análise composicional*”, poderiam ser caracterizados e entendidos, enquanto um *complexo de memes da Internet*, sob o prisma integrador de três áreas: a memética, a midiática (comunicacional) e a linguística.

Deste modo, entendemos que, do ponto de vista da *análise composicional* e situados em sua *dimensão interna de propagação*, os *selfies* puderam ser caracterizados como uma produção formada pela combinação de *práticas de produção e distribuição de linguagem* associadas a *práticas de produção e distribuição por mídia*, isto é, um complexo ou combinação de *memes da Internet*. Vimos, também, que tais práticas podem apresentar um modo de construção “multimodal” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000), ou seja, uma imagem, frequentemente atrelada a um texto ou legenda, construída e/ou distribuída digitalmente e, por vezes, também, de forma “multimidiática” (SALAVERRÍA, 2003; PALÁCIOS, 2004), sendo direcionada para cumprir propósitos sistematizados pela linguagem.

Uma vez vistos como um complexo de memes da Internet, os *selfies* puderam ser reconhecidos pelos critérios de *fecundidade*, *longevidade* (DAWKINS, 1979) e *alcance* (RECUERO, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2015a). Como pudemos perceber, *selfies* são produzidos com frequência, e isso já vem ocorrendo há algum tempo, alcançando cada vez mais adeptos locais e globais. Esse entendimento nos permitiu enxergar, automaticamente, esse complexo como um “*memeplexo linguístico-midiático*” (SOUZA JÚNIOR, 2015a p. 37-45), passível de ser carregado por *unidades de propagação* (as imagens nas postagens de *selfie* propriamente ditas), as quais puderam dar origem à

propagação de eventos digitais como o #selfienaurna. Isso contribuiu para que pudéssemos visualizar a *dimensão externa de propagação* desse *memeplexo linguístico-midiático*, colocando nossa atenção, agora, nos *padrões de relação* e propagação que tais eventos poderiam vir a desenvolver.

Posto isso, procedemos ao que Souza Júnior (2015a, 2015b) chamou de “*análise relacional*”, investigando os aspectos multimodais das práticas linguístico-midiáticas que deram origem ao *corpus* de postagens de *selfie* coletadas. Para realizar a análise linguística, nesta etapa, apoiamo-nos sobre o instrumental teórico proveniente da Linguística Sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1987; KRESS e VAN LEEUWEN, 2000). A metodologia empregada foi aquela que Souza Júnior (2014) chamou de “*análise propagatória*”. A partir das etapas analíticas e em consonância com a metodologia adotada, o *corpus* de postagens de *selfie* foi focado e analisado em termos de sua construção/estruturação (*forma*) e proposições multimodais (*propósitos*). Identificamos os padrões de estruturação e proposição multimodal que deram origem ao fenômeno #selfienaurna e, depois, confrontamos esses dois tipos de padrão com os demais presentes no *corpus*, verificando quais seriam o(s) mais frequente (s) e o porquê dessa(s) ocorrência(s).

Das duas grandes categorias de estruturação multimodal presentes em Kress e van Leeuwen (2000), os resultados mostraram que *selfies* apresentaram majoritariamente padrão de estruturação narrativo (Processo reconhecido como *Evento*), seguido pelo padrão de estruturação conceitual. Quanto à representação dos participantes, os dados, consequentemente, mostraram que postagens de *selfies* nem sempre se prestaram a retratar elementos animados em seu Cenário. Esses elementos apresentaram-se frequentemente ocultados, oferecendo-se mais destaque a elementos inanimados, por meio dos quais o autor da imagem aparentou desejar construir ou estruturar suas narrativas. O procedimento narrativo de ocultação dos participantes nas postagens analisadas repercutiu em forma de efeito cascata no entendimento relativo às proposições multimodais que os autores dos *selfies* externaram na propagação do fenômeno investigado.

De uma perspectiva semiótico-social, os resultados mostraram, então, que as postagens de *selfie* foram propagadas com base em proposições multimodais, a fim de funcionar para que os internautas/eleitores pudessem externar *em quem/como* estes votaram e *não quem* estava votando. É relevante lembrar que o fenômeno #selfienaurna surgiu com padrão de proposição multimodal exatamente inverso a este. Sendo assim, as práticas linguístico-midiáticas em forma de *selfie*, distribuídas por meio das imagens e suas postagens geradas, enquanto *unidades de propagação*, puderam apresentar novos padrões quanto a seus modos de funcionar (i.e. *funcionalidades*). Esses referidos padrões emergiram através de uma espécie de processo digital de “*dialogia*” (BAKHTIN, 1997) e, posteriormente, foram influenciados pelos processos multimodais e digitais de “*recontextualização*” e “*ressignificação*” (FAIRCLOUGH, 2001) da prática que se repetiu ao longo da evolução do *evento digital* investigado. Esse processo iniciava-se pelos autores dos *selfies* postados e era concluído por meio do administrador da página do fenômeno analisado.

Se retornarmos ao contexto de proibição judicial no qual o #selfienaurna foi propagado, avaliaremos que os padrões mais frequentes de estruturação (*forma*) e proposição multimodais (*propósitos*), respectivamente, (*Evento – participante ator ocultado*) e (*Materialização do Voto – mostrar o que foi feito e não quem fez algo*)

sugerem coerência da proposta metodológico-analítica adotada e, consequentemente, consistência desta quanto aos resultados encontrados a partir da utilização da mesma.

Demais resultados oriundos da etapa de *análise relacional* foram: a) padrão de evolução *externalista* (i.e. heterogêneo) quanto aos tipos de estruturação e proposição multimodais observados; b) padrão inicial de *longevidade pela produção*, porém, estabilizando-se e, até o dia 26/10/2014, permanecendo com indicação de *longevidade pela recepção*; c) *alcance midiático local* (RECUERO, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2015a), isto é, o fenômeno percorreu redes sociais e *sites* locais, tendo permanecido relevante/ativo na dimensão *online*; d) o *alcance linguístico* mostrou as postagens de *selfie* abordando e colocando como participantes representados os *elementos animados*, porém, estas imagens passaram a apresentar *elementos inanimados* também, e assim se mantiveram. Quanto ao *tipo de idioma*, o *alcance linguístico* do fenômeno analisado manteve seu padrão *homogêneo*, permanecendo com *propagação majoritária em Português*, provavelmente, devido à especificidade do contexto de surgimento dos *selfies* postados: eleições *brasileiras* de 2014.

Com o presente estudo, fica uma alternativa à proposta (em construção e descendente) de Shifman (2014) para análise da propagação de memes imagéticos. Assim, sugerimos um aporte teórico-metodológico para que mais trabalhos de base linguística, orientados por uma perspectiva semiótico-social e focados em uma análise ascendente possam surgir. Nossa intenção é que, dessa maneira, novos estudos possam contribuir com aqueles já existentes em diversas áreas, como os de Houghton *et al.* (2013) e Sanft e Baym (2015), tornando possível, então, que as novas constatações e entendimentos acerca da prática de *selfie* dialoguem, sempre que possível, com uma gama de investigações e perspectivas. Deste modo, objetivamos que o cruzamento de tais entendimentos e constatações nos permita compreender de modo mais abrangente as motivações que possibilitam a permanência e ampliação dos *selfies* como “prática social” (SENFT; BAYM, 2015, p. 1589), cada vez mais frequente nas sociedades contemporâneas. Essas sociedades parecem ser definíveis a partir de dois elementos centrais: linguagem(ns) e mídias (digitais/sociais).

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BLACKMORE, S. *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BLACKMORE, S. *A evolução das máquinas de memes*. Trabalho apresentado no International Congress on Ontopsychology and Memetics. Milão, 2002. Disponível em <<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.htm>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

BALOCCO, A. E. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como recurso representacional. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CARR, N. *The shallows: what the Internet is doing to our brains*. New York: W.W. Norton,

2010.

DAWKINS, R. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

DAWKINS, R. *The extended phenotype*. Oxford : Oxford University Press, 1982.

DENNETT, D. C. *Darwin's dangerous idea: evolution and meaning of life*. London: The Penguin Press, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1987.

HOUGHTON et al., D. Tagger's delight? Disclosure and liking in Facebook: the effects of sharing photographs amongst multiple known social circles. *Discussion Paper*. University of Birmingham, Birmingham, 2013.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2000.

KNUTTILA, L.; User unknowns: 4chan, anonymity and contingency. *First Monday*, v. 16, n. 10, 2012. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/3665/3055>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

LEAL-TOLEDO, G. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. *Revista de Filosofia Aurora*. Curitiba, v. 25, n. 36, p. 179-195, jan./jun. 2013.

LEE, D. Y. W. Genres, registers, text types, domains and styles: clarifying the concepts and navigating a path through the BNC jungle. *Language Learning & Technology*, v.5, n.3, p. 3-72, 2001.

LEVY, P. *Becoming virtual: reality in a digital age*. New York: Plenum Trade, 1998.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation – Appraisal in English*. New York: Palgrave, Macmillan, 2005.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MILNER, R. M. Hacking the social: Internet memes, identity antagonism, and the logic of lulz. *The Fibreculture Journal*, 2013. Disponível em: <<http://twentytwo.fibreculturejournal.org/fcj-156-hacking-the-social-internet-memes-identityantagonism-and-the-logic-of-lulz/>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

NUSSELDER, A. *Interface fantasy: A Lacanian cyborg ontology*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2009.

PALÁCIOS, M. Jornalismo *online*, informação e memória: Apontamentos para Debate. *Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro*, São Paulo, 4^a ed., jul/dez, 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 24 mai. 2015.

RECUERO, R. da C. Memes em *weblogs*: proposta de uma taxinomia. In: Encontro Anual de Compós, 16, 2006, Bauru, SP. *Anais*. Bauru: [s.n.], 2006.

SALAVERRÍA, R. Post convergencia de médios. *Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui*, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/160/16008105.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

SENFT, T. M.; BAYM, N. K. Selfies introduction - what does the selfie say? investigating a global phenomenon. *International Journal of Communication*, v. 9, p. 1588-1606, maio. 2015. Disponível em: < <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/4067>. >. Acesso em: 07 ago. 2015.

SHIFMAN, L. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of Visual Culture*, v.13, n.3, p. 340-358, 2014.

SOUZA JÚNIOR, J. de. “#InBrazilianPortuguese”, memes and phenomena: Linguistics and its suggestions to explore the propagation of digital events. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 21, 2015e, no prelo.

SOUZA JÚNIOR, J. de. Entre memes e mortes, há barreiras representacionais? Propag(ação) digital e (geo)política na Web. #Museudememes. 2015d. Disponível em:<<http://www.museudememes.com.br/entre-memes-e-morte-ha-barreiras-representacionais-propagacao-digital-e-geopolitica-na-web/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

SOUZA JÚNIOR, J. de. Eleições brasileiras de 2014, *selfies* e a criminalização de sua propagação via eventos digitais: um estudo crítico-discursivo. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 9, n. 1, p. 177-197, 2015c.

SOUZA JÚNIOR, J. de. “#InBrazilianPortuguese”, memes e fenômenos: linguística e as sugestões para reconhecer e investigar eventos digitais. In: IX Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 9, 2015, Belo Horizonte, MG. *Anais*. Belo Horizonte: v. 4, 2015b.

SOUZA JÚNIOR, J. de. *Memes pluralistas*: explorando mídias sociais, propagações digitais, linguagem, marketing e ensino. 1^a ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas (NEA), 2015a.

SOUZA JÚNIOR, J. de. *Memes pluralistas* – práticas linguístico-midiáticas em fenômenos bilíngues: um estudo sistêmico-funcional e multimodal sobre propagação via *corpora* digitais. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA JÚNIOR, J. de. TICs, leitura em LE e gêneros: da habilidade à prática social docente e discente na escola não-profissionalizante. *Texto Livre*, v. 6, n. 2, p. 32-55, 2013.

TYLER, T. *On memetics*. Disponível em: <<http://on-memetics.blogspot.com.br/2013/07/internalism-externalism-informationalism.html>>.

Acesso em: 02 ago. 2013.

TYLER, T. *Memetics: memes and the science of cultural evolution*. Mersenne Publishing, 2011.

Recebido em 07 de agosto de 2015.

Aprovado em 19 de outubro de 2015.